

DRAMATURGIAS DO TEMPO

Ela Não Está

por Marcos Gomes

2021. dramaturgias
em processo

**PRCEU**
projetos de cultura
e extensão universitária

**USP**

**TUSP**
Teatro da USP

Dramaturgo, diretor e ator. Trabalha no Teatro Cemitério de Automóveis desde 2018. Em parceria com Lucas Mayor, encenou as peças Corpo (2020), Malditos (2020), Ao vivo (2019), Nem isso Nem aquilo (2019), Interiores (2018) e também ministrou várias edições da oficina de dramaturgia Formas Breves.

É também autor das peças Recursos Humanos e Origem Destino – adaptada para a HQ Cidade das Águas (Pólen, 2015). Publicou a peça Luz Fria (Patuá, 2014). Como ator, seu trabalho mais recente foi na peça Barrela, de Plínio Marcos, na montagem de Mário Bortolotto. É doutorando em artes cênicas pela Unicamp.

Esta é uma das 14 DRAMATURGIAS EM PROCESSO, selecionadas na 1ª edição do programa do TEATRO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, realizada entre março e junho de 2021.

MARIDO: Um metro e sessenta e sete.
Cabelos castanhos claros, na altura do ombro.
Pele branca.
Mais ou menos sessenta quilos.
Olhos escuros, castanhos.
Uma pinta preta perto do mamilo esquerdo.
Unha defeituosa no dedinho da mão direita.
Trouxe essa foto.
Não é recente.
Ela não gostava de tirar foto.
Dizia que não era ela.
Que parecia outra pessoa.
O que eu faço agora?
Espero até quando?

Tempo.

ALUNO: Sexta-feira. Na praça, perto da estação.

PROFESSORA: Certamente em casa.

MARIDO: No restaurante, trabalhando. Ela tinha saído de manhã bem cedo.

ALUNO: Ela era minha professora.

PROFESSORA: Minha aluna.

MARIDO: Sou o marido dela.

PROFESSORA: Ela me ligou, marcou um horário para conhecer meu espaço – que é na minha casa. Nos fundos de casa. Acho que ela mencionou ter visto um cartão meu na academia perto da escola onde ela deu um curso – não na escola em que ela trabalhava, que essa era longe. Uma escola de bairro, perto daqui. Eu costumava deixar cartões pelo bairro, agora não mais. Não quero mais alunas, tá bom assim.

ALUNO: Na escola.

PROFESSORA: Falávamos sobre o corpo, rituais, danças só de mulheres; deve ter sido algo desse tipo.

ALUNO: Poesia. A gente só falava disso.

MARIDO: Sobre a fechadura. Tava com defeito. Ela queria uma nova, mais segura.

ALUNO: Camisa, saia... Não lembro.

PROFESSORA: Camisa clara. Acho que bege. Saia marrom; óculos, cabelo preso.

MARIDO: Um vestido azul. Quase verde.

PROFESSORA: Como posso saber? Ela parecia muito tranquila na última aula.

ALUNO: Normal.

MARIDO: Talvez um pouco cansada... Nos últimos dias, conversávamos mais por escrito. Bilhetes.

ALUNO: Não.

MARIDO: Nunca.

PROFESSORA: Não, mas... Não sei.

MARIDO: Durante a semana, ela me disse que tinha tomado uma decisão, que contava mais tarde, com calma, no domingo... Mas eu não faço ideia.

PROFESSORA: Ela queria aprender a dançar, mas tinha vergonha, por isso fazia particular. Era diferente de muitas outras alunas, que vem pra ocupar um tempo, perder peso. Acho que isso pode ser uma espécie de dança, não? Querer aprender algo?

ALUNO: Imagina.

PROFESSORA: Um dia ela teve uma crise.

ALUNO: Nunca.

PROFESSORA: Enquanto dançava.

ALUNO: Todo mundo gostava dela.

PROFESSORA: Isso é muito comum na idade dela.

MARIDO: E também há um mês, mais ou menos, ela chegou bêbada em casa.

PROFESSORA: Acontece.

ALUNO: Ela ia embora cedo.

PROFESSORA: Estar insatisfeita com o próprio corpo. Querer se livrar dele. Mas foi só essa vez.

MARIDO: Tinha ido num sarau. Ela sempre ia. Eu fiquei preocupado, claro. Era de manhã já. E ela tava suja. Terra. Acho.

ALUNO: É diferente. Slam é uma batalha de poesia.

PROFESSORA: Nunca, imagine. Não para mim.

ALUNO: O público vota.

MARIDO: É perto lá do trabalho dela... É um bairro longe... Você sabe, por mais que... Essa cidade é um inferno... Tem um aluno, talvez seja o caso de conversar com ele.

ALUNO: Não. Todo mundo é trabalhador.

PROFESSORA: Como eu poderia saber?

ALUNO: A gente tem autorização da prefeitura. Por sinal, foi ela que conseguiu.

PROFESSORA: Discordávamos sobre coisas relacionadas aos limites do corpo, e ela sempre respondia muito bem aos exercícios.

MARIDO: Às vezes sobre... sobre o trabalho dela, mas não era uma discussão. E também sobre política. Nisso a gente discorda. Mas quem não discorda?

ALUNO: Ela implica com as minhas rimas.

PROFESSORA: Talvez sobre... Horário? Não sei. Faz tempo. Ela não chegou a desmarcar a aula. Fiquei preocupada, mas o celular não atendia. Então eu liguei pra um telefone fixo que ela sempre me ligava. Era da casa dela.

MARIDO: Um *post-it* que ela deixou sobre a mesa da sala:

ALUNO: Eu nem tenho celular.

MARIDO: “Precisei ir para a escola. Volto logo. Tem sopa de cebola na geladeira”.

ALUNO: Me roubaram.

PROFESSORA: O marido não sabia que ela vinha.

MARIDO: Eu também trouxe isso. Achei escondido.

ALUNO: Acho que ela foi para a estação, pegar o trem...

MARIDO: Tava embaixo de uma gaveta, num fundo falso. Eu não sabia que ela escrevia.

ALUNO: Umas nove, dez horas...

MARIDO: Nem que ela dançava... Eu não sabia que ela fazia aula de dança.

PROFESSORA: Aula de corpo.

MARIDO: A professora me ligou, disse que ela não apareceu. Eu tenho o telefone dela aqui, se o senhor quiser.

ALUNO: Ela disse que ia pra uma aula. Acho que de dança, sei lá.

PROFESSORA: Danças rituais. Já falei.

MARIDO: Sim, claro. É o caderno de poesia dela. Talvez seja melhor o senhor mesmo ler. Pode ser útil.

PROFESSORA: Vinha regularmente e era extremamente pontual.

ALUNO: Não...

MARIDO: Tem um poema específico que eu gostaria que o senhor lesse.

ALUNO: Nunca vi.

PROFESSORA: Claro que eu sou formada.

ALUNO: Parece um caderno.

MARIDO: Esse aqui.

ALUNO: Não sabia que ela escrevia. Só que ela ensinava.

MARIDO: É sobre o aluno que eu falei.

ALUNO: Eu?

MARIDO: É. Tenho quase certeza?

ALUNO: Sim, eu posso ler.

PROFESSORA: Às vezes, ayahuasca. Além de professora de dança eu sou xamã.

MARIDO: Eu não posso dizer que isso é verdade. Pode ser só criação, poesia. Mas por que ela escondia isso de mim?

ALUNO: É um haicai.

PROFESSORA: Sim, ela me falou de um menino.

ALUNO: O primeiro e o terceiro versos são redondilhas menores, e o segundo, redondilha maior.

MARIDO: Eu sei que é sério, se não fosse eu não tinha trazido pro senhor.

PROFESSORA: Acho que ela se sentia intimidada, tinha medo dele.

MARIDO: Mas eu não estou acusando ninguém.

PROFESSORA: Uma vez, numa sessão de lua cheia, ela teve uma miração. Eu lembro bem.

ALUNO: Eu não sei nada sobre o conteúdo.

MARIDO: Sim, aluno dela na escola, eu liguei lá. É o mesmo que organiza o sarau que ela foi. Eu anotei o nome dele em algum lugar...

PROFESSORA: Ela disse que viu o menino morto ao lado de umas criaturas.

ALUNO: Como é que eu posso saber?

PROFESSORA: Acho que ela não gostava do marido.

ALUNO: Isso é só poesia.

PROFESSORA: Porque ela nunca falou dele.

MARIDO: Porque ela não voltou.

PROFESSORA: Só por isso.

ALUNO: Posso ler o resto?

Tempo.

MARIDO: Não sabia que ela tinha tempo livre pra. Pra fazer essas coisas.

PROFESSORA: Quando?

MARIDO: Dançar, fazer aula disso.

PROFESSORA: Às sextas. À noite. Era muito pontual. Quando precisava desmarcar, avisava bem antes.

MARIDO: Eu achava que ela ia num sarau.

PROFESSORA: Sim, uma vez por mês, acho. Nesses dias nossa aula começava mais tarde. Ou remarcávamos. (*acende um cigarro*) O senhor se importa?

MARIDO: Não.

PROFESSORA: Quer um?

MARIDO: Obrigado. Eu não fumo mais. Parei porque ela tinha... *tem* bronquite.

PROFESSORA: Ela vivia fumando do meu cigarro; nunca tinha.

MARIDO: Não sabia. Desde quando?

PROFESSORA: Um ou dois. Às vezes três. Às vezes eu oferecia um café, que a gente se sentasse e fumasse tomando um café. Era bom ter companhia pra fumar, eu não ligava que ela fumasse do meu.

MARIDO: Mais alguma coisa?

PROFESSORA: Participava de alguns rituais.

MARIDO: Rituais? Que tipo de rituais?

PROFESSORA: Xamânicos.

MARIDO: Impressionante...

PROFESSORA: O que é impressionante?

MARIDO: Como uma pessoa, depois de tanto tempo, pode se tornar uma completa estranha?

PROFESSORA: Isso é tão comum... Era o que eu pensava quando olhava o meu marido dormindo.

MARIDO: Ela sabia... quer dizer, ela *sabe*... Estranho falar dela no passado... O que eu quero dizer, é que ela sabe tudo a meu respeito.

PROFESSORA: Acho muito estranho alguém, na minha idade, não ter nenhum segredo.

MARIDO: Posso pegar um cigarro dos seus?

PROFESSORA: Desculpa, eu falo muita besteira quando fico nervosa... Eu só quero ajudar...

MARIDO: O senhor já assistiu *O Feitiço de Águila*?

PROFESSORA: Achei uma coisa que talvez, não sei... Ela pediu para eu guardar... Acho que não queria levar pra casa...

MARIDO: É sobre um casal. De dia, ela vira águia; de noite, ele vira lobo. Mas no pôr do sol, por um instantezinho, eles se encontram. A gente era assim. A gente *é* assim. Quando ela chega em casa, eu saio pra trabalhar.

PROFESSORA: "Uma espécie de girafa com rosto humano em pé ao lado de duas outras criaturas, meio pássaro, meio gente, olham para um menino caído. Ele é negro e está destroçado e nu. Não tem um braço, as pernas estão quebradas. As criaturas estão sujas de sangue nos bicos, nos pescoços, nas penas. Uma delas carrega o braço que falta. Tudo é alongado e disforme. A cabeça do menino me espreita. O céu se abre e me engole".

MARIDO: É uma espécie de maldição.

PROFESSORA: É um registro que ela fez da primeira miração.

ALUNO: Não gostei dos poemas.

MARIDO: Não gostou?

ALUNO: São ruins.

MARIDO: É claro que ele tá mentindo.

PROFESSORA: Lembrei por causa do menino.

ALUNO: Nunca faltei com o respeito com a professora.

MARIDO: É muito difícil dizer isso, mesmo porque eu não tenho nada, só estes poemas. Mas com certeza

PROFESSORA: Pensar todo mundo pensa.

ALUNO: Se ela gosta de erotizar o meu corpo, problema dela.

PROFESSORA: Não é crime nenhum. Melhor do que reprimir.

ALUNO: Eu estou sendo acusado de alguma coisa?

MARIDO: Não é uma acusação.

PROFESSORA: Ela estava treinando o autotoque.

MARIDO: Não entendi. Pode repetir, por favor?

PROFESSORA: Autotoque.

ALUNO: Eu preciso de um advogado?

PROFESSORA: Masturbação. A proposta é sentir prazer com o próprio corpo. Você e o seu corpo, sozinhos.

MARIDO: Sei lá se ela tinha um amante.

PROFESSORA: Claro, eu participo de todo o processo.

ALUNO: Vai demorar muito ainda?

MARIDO: Seria muito mais fácil pedir a separação.

PROFESSORA: Como uma profissional.

ALUNO: Eu tenho aula à noite.

PROFESSORA: Sempre rola um afeto. Normal. Isso é importante. Por que você quer saber essas coisas? Tá interessado? Felizmente, é só para mulheres. Agora, se a esposa do delegado se interessar, o senhor pode passar o meu número.

MARIDO: Eu conheço bem a minha mulher. Ela não tinha nenhum problema de orientação sexual, se é isso que o senhor está insinuando.

PROFESSORA: Só gostaria de ressaltar que se fosse o caso, isso não seria um problema. Ou o senhor está sendo homofóbico?

ALUNO: Posso ir?

MARIDO: Desculpe, eu me expressei mal.

PROFESSORA: Não, senhor. Imagina.

ALUNO: Sim senhor. Eu estou calmo, senhor.

PROFESSORA: De maneira alguma.

MARIDO: É que não é fácil responder certas perguntas.

ALUNO: Maior de idade, senhor.

PROFESSORA: Ayahuasca é para uso religioso.

MARIDO: Não sabia que ela tomava esse chá. Nunca me falou nada.

ALUNO: Experimentei uma vez, senhor. Em um ritual. Mas foi só.

MARIDO: Nem álcool ela bebia.

PROFESSORA: Do cipó, Mariri, com as folhas da Chacrona.

Professora prepara o chá.

ALUNO: É forte, senhor. Vomitei direto.

PROFESSORA: Normal.

MARIDO: Nunca usei droga. Não sei de onde ela tirou essa ideia.

ALUNO: Não é pra mim, senhor.

MARIDO: Fico pensando se isso tem alguma coisa a ver.

PROFESSORA: Ela só tomou comigo duas ou três vezes, em doses controladas.

MARIDO: Dizem que a pessoa vê coisas.

PROFESSORA: Impossível ter alguma relação com o desaparecimento.

MARIDO: Miração que se diz.

ALUNO: Dizem que a pessoa fica muito doida. Já ouvi umas histórias.

PROFESSORA: Que histórias?

ALUNO: De gente que tomou demais e pirou.

PROFESSORA: Claro! Não é para tomar sozinho, fora de contexto.

MARIDO: Eu tenho curiosidade.

PROFESSORA: Só atendo mulheres, já disse.

MARIDO: Queria entender.

ALUNO: Não, senhor.

PROFESSORA: É de graça, claro.

ALUNO: Não sabia que a professora curtia o chá.

PROFESSORA: Só cobro pela aula.

MARIDO: Quanto?

ALUNO: A gente nunca conhece uma pessoa por inteiro.

PROFESSORA: Talvez eu possa abrir uma exceção, um dia. Quem sabe?

ALUNO: Não sei, senhor.

MARIDO: Não sabe?

ALUNO: Quem disse que sou *eu* nos poemas?

MARIDO: Não é?

ALUNO: Quem disse que era *ela*?

MARIDO: Como?

ALUNO: O Eu poético.

MARIDO: Não entendi?

ALUNO: A voz do poema. Quem disse que era ela e não uma invenção?

Marido toma o chá.

PROFESSORA: É bom diversificar de vez em quando.

MARIDO: Tá na cara que esse menino tem alguma coisa a ver.

ALUNO: Nunca pensei sobre isso, senhor.

MARIDO: Duvido que ele nunca pensou.

ALUNO: Já disse que não, senhor.

PROFESSORA: A vida muda.

MARIDO: Tenho certeza que ele pensava.

ALUNO: Ela nunca me disse nada a respeito, senhor.

MARIDO: Imagina, na idade dele. Na situação dele. Uma mulher bonita, cheia de vida.

ALUNO: Nunca pensei nela desse jeito.

MARIDO: Uma mulher como ela, escrevendo essas coisas, pode ser perturbador.

ALUNO: Porque ela era branca.

MARIDO: E daí que ela é branca?

PROFESSORA: Não dá pra ser tudo no preto e no branco.

MARIDO: Duvido.

ALUNO: “Racista”, eu?

MARIDO: Ele disse isso?

PROFESSORA: Ah, com certeza, né?

ALUNO: O senhor está invertendo a questão.

MARIDO: Não gosta de branco, veja só.

PROFESSORA: Isso é da boca pra fora.

ALUNO: Não, senhor. É uma constatação.

MARIDO: Merecia um cascudo.

ALUNO: Não estou acusando ninguém, senhor.

MARIDO: Repete, eu não ouvi.

ALUNO: Não queria faltar com o respeito, senhor.

MARIDO: Preciso de uma pausa. É possível? Meio tonto.

A fala sussurrada da professora se mistura à fala do Marido.

PROFESSORA: *Kami yanē ya thēpē taap, enaha oni thapari. Kami ya pihī kupuowi thēpē onimi. Ya mio tēhē kono ya pē taai yuli ya pē taai xitipa ya sipē taai mau ya upē uxi mahi taai yalo thē pē oni thai¹*

MARIDO: Eu vejo praça, eu vejo noite, eu vejo a rua, eu vejo a viela escura, eu vejo janelas e portas entreabertas, eu vejo curvas e bifurcações, eu vejo frestas, eu vejo alguma coisa atrás dela... (*enjoa*) alguma coisa no escuro...

PROFESSORA: Põe pra fora.

MARIDO: ...alguma coisa...

PROFESSORA: Põe pra fora!

MARIDO: ...escura

Tempo.

PROFESSORA: É assim mesmo.

ALUNO: Posso ir embora agora?

PROFESSORA: A gente nunca conhece uma pessoa por inteiro.

ALUNO: Pra casa, senhor. A aula já acabou faz tempo. Senhor.

PROFESSORA: Talvez isso diga mais sobre nós do que sobre ela.

ALUNO: Verme.

PROFESSORA: Descansa.

ALUNO: Eu disse boa noite, senhor.

PROFESSORA: Boa noite.

ALUNO: Com licença.

¹ “Eu escrevo sobre o que vejo, eu não escrevo o meu pensamento Quando estou dormindo eu vejo garças, eu vejo peixes, eu vejo conchas, eu vejo a água, vejo com profundidade e por isso eu faço esta escrita”. Diário xamânico de Levi, jovem liderança Yanomami.

Tempo.

PROFESSORA: Você não é o menino do sarau?

ALUNO: Slam.

PROFESSORA: Pois não?

ALUNO: Você falou pra diretora pra eu vir. Eu vim.

PROFESSORA: Falei?

ALUNO: Não lembra?

PROFESSORA: Talvez fosse para cuidar do meu jardim.

ALUNO: Mas eu não sou jardineiro.

PROFESSORA: Achei que tivesse precisando de trabalho.

ALUNO: Nunca cuidei de planta.

PROFESSORA: É só colocar água.

ALUNO: Por que você mesma não coloca?

PROFESSORA: Tenho muitas plantas.

ALUNO: Tem mais alguma coisa que eu possa fazer?

PROFESSORA: Faxina.

ALUNO: Faxina eu não faço.

PROFESSORA: Pena.

ALUNO: Paga minha condução de volta.

PROFESSORA: Claro.

ALUNO: Você dá aula do quê?

PROFESSORA: Trabalho com a reativação do corpo da mulher.

ALUNO: Sei.

PROFESSORA: Sabe?

ALUNO: Não muito.

PROFESSORA: E por que quer saber?

ALUNO: Gostava da professora.

PROFESSORA: Eu também.

Tempo.

ALUNO: Vou nessa.

PROFESSORA: O dinheiro.

ALUNO: Tchau, professora.

PROFESSORA: Tchau.

MARIDO: Nossa... Que foi isso?

PROFESSORA: Vai passar.

MARIDO: Desculpa qualquer coisa.

PROFESSORA: Segue o teu caminho.

MARIDO: Falei alguma coisa errada?

PROFESSORA: Guarda com você.

MARIDO: Não lembro de nada.

PROFESSORA: Se puder, me avisa quando chegar em casa.

MARIDO: Aviso, sim. Fica mais um pouco.

ALUNO: Tenho que ir.

MARIDO: Não vai querer sobremesa?

ALUNO: De quê?

MARIDO: *Crème brûlée*.

ALUNO: Não aguento comer mais nada, valeu pelo jantar. Curti seu restaurante.

MARIDO: Não é meu. Eu só trabalho nele.

ALUNO: Tenho que ir.

MARIDO: Posso te fazer umas perguntas antes?

ALUNO: Sim. É sobre a professora?

MARIDO: É, sobre a minha esposa.

ALUNO: Claro.

MARIDO: O que você acha que aconteceu com ela?

ALUNO: Não sei.

MARIDO: Você acha que ela fugiu?

ALUNO: Por que ela faria isso?

MARIDO: Você acha que alguma coisa aconteceu, então?

ALUNO: Que coisa?

MARIDO: Alguma coisa ruim.

ALUNO: Não tem como saber.

MARIDO: Eu só estou te perguntando isso, porque você foi a última pessoa que a viu naquela noite.

ALUNO: Sim.

MARIDO: Como foi?

ALUNO: Foi na praça, perto da estação.

MARIDO: Você não a acompanhou até a entrada?

ALUNO: Não. A gente se despediu antes de atravessar a rua. Tchau, professora.

PROFESSORA: Tchau, aluno. Gota de chuva.

ALUNO: Se cuida, ela disse. Depois atravessou.

MARIDO: Mas ela chegou a entrar na estação?

ALUNO: Não vi. Voltei pro Slam.

PROFESSORA: Ela pode ter ido para o ponto de ônibus, não pode?

ALUNO: Talvez ela tenha ido até o ponto, não sei.

PROFESSORA: Fica bem em frente à estação.

ALUNO: Fica bem em frente à estação.

MARIDO: Mas você não olhou para trás pra saber.

ALUNO: Não pensei que fosse a última.

PROFESSORA: Lá, passam vários ônibus que vão para o metrô, não passam?

ALUNO: Talvez ela quisesse ir.

MARIDO: Pra onde?

PROFESSORA: Artur Alvim. Parque Dom Pedro II.

ALUNO: Pra bem longe.

MARIDO: De mim?

ALUNO: Também.

PROFESSORA: Brás.

Tempo.

MARIDO: Não existe uma imagem nas câmeras de segurança mostrando a professora cruzando a catraca. Tudo indica que ela sumiu aqui, na praça. Se alguém tiver uma informação. Qualquer informação. Pode me procurar. Vou ficar aqui até o fim do sarau. Prometo não expor ninguém. Só quero saber onde está a minha mulher. Só isso. Qualquer informação é útil. Obrigado.

Silêncio.

MARIDO: Alguém viu a minha mulher no dia em que ela desapareceu?

Silêncio.

MARIDO: Alguém sabe onde está o corpo dela?

Silêncio.

PROFESSORA: Sim.

ALUNO: Não sou jardineiro.

PROFESSORA: Só quis ajudar. Fiquei com pena.

ALUNO: Nem faxineiro.

PROFESSORA: O problema é que recentemente ele veio na minha casa de novo, mas à noite, de madrugada.

ALUNO: Fiquei sem condução.

PROFESSORA: Tinha perdido o trem, alguma coisa assim.

ALUNO: Qual o problema?

PROFESSORA: Na verdade, nenhum. Mas eu fiquei preocupada. Queria saber se está tudo bem com ele aí na escola. A senhora, como diretora, me entende, né? Eu também sou professora.

ALUNO: Reclamou de quê?

PROFESSORA: De corpo.

ALUNO: Então por que ela me deixou entrar na casa dela?

PROFESSORA: Dança também.

ALUNO: E dormir no quarto dela.

PROFESSORA: Se quiser fazer uma aula teste.

ALUNO: E qual o sentido dessa conversa? Por que eu tenho que te dar satisfação da minha vida fora da escola?

PROFESSORA: Pra experimentar, sem compromisso, é só me ligar.

ALUNO: Não fiz nada de errado.

PROFESSORA: Acho melhor assim. Obrigada.

ALUNO: Foi ela que me passou o endereço.

PROFESSORA: Qualquer coisa, eu ligo de novo. Pode deixar.

ALUNO: Não precisa se preocupar. Nunca mais vai acontecer de novo.

PROFESSORA: Pra você também, querida... Qual é mesmo o seu nome?

ALUNO: Posso voltar para a sala agora?

PROFESSORA: Não esqueço mais. Você também. Amém. Tchau, tchau, querida.

MARIDO: Alô.

ALUNO: Que problema?

MARIDO: Quem gostaria?

ALUNO: Como é que vou saber o que está escrito no banheiro feminino?

MARIDO: Que problema?

ALUNO: Não faço ideia.

MARIDO: O que está escrito exatamente?

ALUNO: Polícia pra quê?

MARIDO: Isso é muito grave. A senhora pode me enviar uma foto do banheiro?

ALUNO: Pra ver o que está escrito no banheiro da escola?

MARIDO: A polícia, claro.

ALUNO: Mas o que está escrito exatamente?

Tempo.

MARIDO: Sei.

ALUNO: Entendi.

MARIDO: A senhora acha que

ALUNO: Sinto muito.

MARIDO: Mas e se for só

ALUNO: Ninguém quer se envolver com essa história, diretora.

MARIDO: Não faz sentido

ALUNO: Prefiro pensar que ela fugiu.

MARIDO: Ela era tão

ALUNO: Posso voltar?

MARIDO: Não, espera.

ALUNO: Com licença.

MARIDO: Alô?

Tempo.

MARIDO: Prometo não perguntar nada, se você chegar agora, pela porta da frente, e deixar seu sapato na soleira, pendurar sua bolsa no manchebo, jogar as chaves de casa na cumbuca, abrir a geladeira, tomar um gole d'água, ligar a tevê, esquentar a sopa, tirar os sapatos, tomar banho e dormir ao meu lado.

ALUNO: Assim?

PROFESSORA: Respira pelo períneo.

ALUNO: E o seu marido?

PROFESSORA: Não pensa em nada.

ALUNO: Vai ficar preocupado.

PROFESSORA: Presença.

ALUNO: Mais um gole?

PROFESSORA: Meio copo.

ALUNO: Se quiser mais.

PROFESSORA: Confia em mim.

ALUNO: Naquela laje.

PROFESSORA: Estou aqui do seu lado, apertando a sua mão.

ALUNO: Dá a mão.

PROFESSORA: Respira fundo.

ALUNO: Cuidado com a cabeça.

PROFESSORA: Limpa sua cabeça.

ALUNO: Tem um pouco de terra.

PROFESSORA: Só existe o aqui e o agora.

ALUNO: O pessoal vem por causa da vista.

PROFESSORA: Se vier uma burracheira de luz, vomita no baldinho.

ALUNO: A escola tá ali.

PROFESSORA: Deixa fluir.

ALUNO: Ali passa o trem.

PROFESSORA: O rio.

ALUNO: Ali passa o rio.

PROFESSORA: Sente?

ALUNO: Sinto.

PROFESSORA: Então deixa correr.

ALUNO: Põe a mão, professora.

PROFESSORA: Pode apertar.

ALUNO: Assim.

PROFESSORA: Isso.

Tempo.

MARIDO: Eu sou o marido da professora.

Sim, eu vim de longe.

Pela fatura do cartão.

A última compra dela foi aqui.

O senhor consegue ver o produto pra mim?
Obrigado.

Toma nota.

Eu sou o marido dela.
É bem longe mesmo.
Ela costumava almoçar com mais alguém?
Quem?

Toma nota.

Marido dela.
Longe, eu sei.
Olha a foto de novo, por favor.
Olha com atenção.
Tem certeza?
Você nem olhou direito.

Toma nota.

Isso, marido da professora.
Alguém aqui teve aula com ela?
Literatura.
Não, não sou daqui.
Eu vim de longe.

Toma nota.

Desculpa atrapalhar o movimento de vocês.
Eu sou o marido da professora.
Pera aí, rapaz.
Tira a mão de mim.
Pra onde vocês tão me levando?

ALUNO: Pra estação.

PROFESSORA: Abre os olhos lentamente.

ALUNO: Daqui a pouco abre.

PROFESSORA: Calma.

ALUNO: Não precisa se preocupar.

PROFESSORA: Vem, querida.

ALUNO: Você não fez nada de errado.

PROFESSORA: Eu sei.

ALUNO: Eu te acompanho.

MARIDO: Onde você pensa que vai?

PROFESSORA: Deitar um pouco.

MARIDO: Onde você estava?

ALUNO: Ninguém viu.

MARIDO: Sabe que horas são?

ALUNO: 4h40.

MARIDO: Você está imunda.

PROFESSORA: Não precisa falar nada, ele vai entender.

MARIDO: Não vai falar nada?

ALUNO: Não vou falar nada, professora. Pode confiar em mim.

MARIDO: Você bebeu?

PROFESSORA: Posso te abraçar?

MARIDO: Não me abraça.

PROFESSORA: Assim, encosta sua cabeça no meu ombro.

MARIDO: O que aconteceu?

PROFESSORA: Dorme.

ALUNO: Vem.

MARIDO: Pra onde?

PROFESSORA: Pro meu quarto.

MARIDO: O que você está fazendo?

ALUNO: Prova.

MARIDO: O que é isso?

ALUNO: Você vai gostar.

PROFESSORA: Abre as pernas.

MARIDO: Aí, não.

PROFESSORA: Cala a boca e fecha os olhos.

MARIDO: Ai...

ALUNO: Gostou?

PROFESSORA: Relaxa.

MARIDO: O que deu em você?

ALUNO: Quer mais?

MARIDO: Quero um filho.

PROFESSORA: Então vem.

ALUNO: João.

MARIDO: Gosto de João.

ALUNO: Três anos.

MARIDO: A gente dá um jeito.

ALUNO: Que jeito?

MARIDO: Vende o carro.

ALUNO: Pus no mundo, tenho que criar.

MARIDO: Se for menina, vai ser Luiza.

ALUNO: A família dela não gosta.

MARIDO: Decidido.

ALUNO: Mas eu vou.

MARIDO: Como assim?

ALUNO: Toda semana.

MARIDO: Por quê?

ALUNO: Porque é meu filho.

MARIDO: Quando?

ALUNO: Pra vida toda.

MARIDO: E depois?

ALUNO: Sei lá.

MARIDO: Tem que ter uma continuidade.

ALUNO: Por quê?

MARIDO: Porque sim.

ALUNO: Discordo.

MARIDO: Você pensa diferente agora.

ALUNO: Não me arrependo de nada.

MARIDO: Mas depois, quando você for velha e não poder mais.

ALUNO: Faria tudo de novo.

MARIDO: Não precisa decidir agora.

ALUNO: Todo domingo.

MARIDO: Pensa mais um pouco.

ALUNO: Só posso no domingo.

MARIDO: Domingo a gente conversa, então. Que seja.

ALUNO: O resto da semana eu trabalho. Tenho que pagar pensão.

MARIDO: Tenho que ir para o trabalho agora.

ALUNO: É a minha cara, olha.

MARIDO: Pensa com carinho.

ALUNO: A foto é antiga. Hoje ele tá desse tamanho.

MARIDO: Gota de chuva.

ALUNO: Brecht?

MARIDO: Você também.

ALUNO: “Para ler de manhã e à noite”.

MARIDO: Boa noite.

ALUNO: Gota de chuva, professora.

PROFESSORA: Gota de chuva.

Tempo.

MARIDO: Sim é o

ALUNO: Onde foi que

MARIDO: Mas e se

PROFESSORA: Perto da onde

ALUNO: Qual é que

MARIDO: É de lá

ALUNO: Que foi como

PROFESSORA: Aquela não é

MARIDO: Foi mas e

ALUNO: Não sei se

MARIDO: Como foi que

PROFESSORA: E não era

ALUNO: Quase não foi

MARIDO: Existe isso de

PROFESSORA: De não é

ALUNO: Como se fosse

MARIDO: É como se

PROFESSORA: Fosse sem se

ALUNO: É que tem

MARIDO: De ser que

PROFESSORA: Tá cortando

ALUNO: Você pode repetir?

PROFESSORA: Não entendi nada.

MARIDO: Acharam o corpo.

Tempo.

CORO: o marido anota o endereço do IML o aluno vê o córrego que passa perto da escola pelo *Google Maps* a professora assiste televisão o marido se dá conta o aluno imagina a professora lembra um corpo que atravessa a cidade para encontrá-lo o aluno trabalha sem conseguir pensar em outra coisa que não seja o corpo melhor não se envolver não saber não se lembrar não ter certeza o marido não sabe mais o que pensar enquanto espera a professora tenta pensar em outra coisa que não seja a professora no esgoto com a cara pra baixo nada que ela não pudesse esquecer o marido fecha os olhos caso se concentrasse em não pensar mais naquele rosto o marido abre os olhos traços tão parecidos com o seu o aluno respira fundo a professora muda de canal

MARIDO: Vim para reconhecer o corpo da minha mulher.

Sou o único parente vivo.

Trouxe a escova de dente.

Assino.

CORO: a professora é deslizada para fora da câmara refrigerada cromada com capacidade para 12 corpos em um saco de óbito preto em polietileno de baixa densidade fechado a zíper o marido não sabe se olha ou se desvia e olha quando já estiver tudo lá a mostra cheirando à carniça se for ela não tem muita coisa pra reconhecer e se não for ela fecha os olhos

Tempo.

MARIDO: A mulher que casara com ele anos atrás em uma cerimônia só para amigos e familiares que se conheceram em um dia de chuva e que passaram dias e noites juntos pela maior parte da vida adulta e com isso teria terminado sua procura e sua humilhação que é uma mulher desaparecer mais fácil seria com certeza repousar aquele corpo estranho na terra em nome da paz em nome da sua esposa professora mulher correta que trabalhava com o que gostava com afincado solidariedade e amor e que foi ceifada pelo crime nada de humilhação nada incompleto tudo dentro do normal para os dias de hoje em alguns lugares como aqui e agora se pudesse voltar no tempo escolheria dizer sim essa é minha esposa mais do que voltar antes para a esposa e olhar nos seus olhos e tentar ver aquilo que sempre esteve lá mas só ele não viu não é possível que não estivesse lá o tempo todo na sua cara eu não conheço essa mulher.

Tempo.

PROFESSORA: Que foi?

MARIDO:

PROFESSORA: Aconteceu alguma coisa?

MARIDO:

PROFESSORA: Foi alguma coisa que eu fiz?

MARIDO:

PROFESSORA: Fala alguma coisa.

MARIDO:

PROFESSORA: Parece que morreu alguém.

MARIDO: Eu li o seu caderno.

PROFESSORA:

MARIDO: Que tava escondido.

PROFESSORA:

MARIDO: Foi sem querer.

PROFESSORA:

MARIDO: É sórdido.

PROFESSORA:

MARIDO: Puta.

PROFESSORA:

MARIDO: Ainda não terminei de ler.

PROFESSORA:

MARIDO: Aonde você vai?

ALUNO: Pra casa.

MARIDO: Posso te acompanhar?

ALUNO:

MARIDO: Vim só dar uma olhada na escola.

ALUNO:

MARIDO: Acharam um negócio escrito no banheiro.

ALUNO:

MARIDO: Você leu?

ALUNO:

MARIDO: Mas sabe o que tá escrito?

DRAMATURGIAS EM PROCESSO

ALUNO:

MARIDO: É verdade? Pode me contar.

ALUNO:

MARIDO: Qual é o problema?

ALUNO:

MARIDO: O motivo?

ALUNO:

MARIDO: Ela disse alguma coisa errada?

ALUNO:

MARIDO: Denunciou alguém pra polícia?

ALUNO:

MARIDO: Por que ela era comunista?

ALUNO:

MARIDO: Militante?

ALUNO:

MARIDO: Feminista?

ALUNO:

MARIDO: Fala alguma coisa!

ALUNO: Minha casa é por aqui.

MARIDO:

ALUNO: Acho melhor você voltar.

MARIDO:

ALUNO: Daqui pra frente, o caminho fica estreito.

MARIDO: Podemos conversar outro dia?

ALUNO:

MARIDO: Eu ainda tenho muitas perguntas.

ALUNO:

MARIDO: Você se importa?

ALUNO: Se cuida.

PROFESSORA: Que foi?

MARIDO:

PROFESSORA: Aconteceu alguma coisa?

MARIDO:

PROFESSORA: Foi alguma coisa que eu fiz?

MARIDO:

PROFESSORA: Fala alguma coisa.

MARIDO:

PROFESSORA: Parece que morreu alguém.

MARIDO: Posso dormir aqui?

PROFESSORA:

MARIDO: Só quero dormir.

PROFESSORA:

MARIDO: Não consigo dormir sozinho.

PROFESSORA:

MARIDO: É verdade.

PROFESSORA:

MARIDO: Fico pensando.

PROFESSORA:

MARIDO: Pensando.

PROFESSORA:

MARIDO: Sem parar.

PROFESSORA:

MARIDO: Só então eu durmo.

PROFESSORA:

MARIDO: Mas logo depois eu acordo.

PROFESSORA:

MARIDO: E volto a pensar.

PROFESSORA:

MARIDO: De novo.

PROFESSORA:

MARIDO: E de novo.

PROFESSORA:

MARIDO: Um tipo de febre.

PROFESSORA:

MARIDO: Um calafrio.

PROFESSORA:

DRAMATURGIAS EM PROCESSO

MARIDO: Posso? Só hoje, prometo.

ALUNO: Cuidado, professora.

PROFESSORA:

ALUNO: Tão achando que você fala demais.

PROFESSORA:

ALUNO: Espera, tá tarde. Deixa eu te acompanhar até a catraca.

PROFESSORA:

ALUNO: Porque eu me preocupo com você.

PROFESSORA:

ALUNO: É sério. Não tem graça. É melhor parar de se meter onde não é chamada.

PROFESSORA:

ALUNO: Professora.

MARIDO: Ela não está.

ALUNO: Gota de chuva.

MARIDO: Quem gostaria?

PROFESSORA: Eu ligo outra hora.

MARIDO: Não quer deixar recado?

PROFESSORA: Não, tudo bem.

MARIDO: Quem está falando?

PROFESSORA: É a professora dela.

MARIDO: Professora do quê? Da escola?

PROFESSORA: Não, de corpo.

MARIDO: Da onde?

PROFESSORA: Professora de corpo.

MARIDO:

PROFESSORA: Dança.

MARIDO: Desculpe, deve haver algum engano.

PROFESSORA: Não queria atrapalhar, mas como ela não veio.

MARIDO: Pra onde?

PROFESSORA: Pra aula.

MARIDO: Não sabia que ela fazia aula de dança.

PROFESSORA: Deve haver algum engano.

MARIDO: Com certeza.

PROFESSORA: Você é o marido, imagino.

MARIDO: Sim.

PROFESSORA: Muito prazer.

MARIDO: Faz tempo que ela é sua aluna?

PROFESSORA: Acho que faz.

MARIDO: Mais de um ano?

PROFESSORA: Desculpe, eu não deveria ter ligado.

MARIDO: Não precisa se desculpar.

PROFESSORA: Geralmente, ela avisa antes quando precisa faltar.

MARIDO: Ela é uma boa aluna?

PROFESSORA: Dedicada.

MARIDO: Que ritmo ela gosta?

PROFESSORA: É uma dança diferente, na verdade.

MARIDO: Diferente em que sentido?

PROFESSORA: Mais feminina.

MARIDO: Dança do ventre?

PROFESSORA: Não exatamente.

MARIDO: Tem homem na turma?

PROFESSORA: Não, as sessões são individuais.

MARIDO: Você e ela?

PROFESSORA: Eu e ela.

MARIDO: O que vocês fazem?

PROFESSORA: Não seria melhor você perguntar direto pra ela?

MARIDO: Sim, assim que ela chegar.

PROFESSORA: Não queria causar nenhum mal-entendido.

MARIDO: Não há mal nenhum.

PROFESSORA: Fiquei preocupada à toa.

MARIDO: Ela fala muito de mim?

PROFESSORA: Se ela fala muito de você?

MARIDO: É. Ela fala?

PROFESSORA: A gente não conversa muito. É uma aula de corpo.

MARIDO: Entendo.

PROFESSORA: Diga que eu liguei, então.

MARIDO: Você tentou o celular?

PROFESSORA: Não atende.

MARIDO: Vou anotar o seu número.

ALUNO: Sim, eu que organizo o Slam.

Aconteceu alguma coisa?

Por que eu?

Não entendo qual a relação.

Trabalho e estudo.

Telemarketing.

Poesia.

Das oito às cinco.

Ela não voltou?

MARIDO: Ela ainda não voltou.

PROFESSORA: Talvez seja melhor avisar a polícia.

MARIDO: Já avisei. Passei o seu número.

PROFESSORA: O meu?

MARIDO: Sim, eles pediram.

PROFESSORA: Mas eu não sei como ajudar.

MARIDO: Eles vão te ligar, de qualquer forma.

PROFESSORA: É delicado dizer isso, mas preferia não me envolver.

MARIDO: Entendo.

PROFESSORA: Eu não sei o que dizer.

MARIDO: É só dizer a verdade.

PROFESSORA: Fico nervosa.

MARIDO: Normal. Eles estão acostumados. Eu também fiquei.

PROFESSORA: Você é o marido. Tem mais é que ficar preocupado. O marido quase sempre é o culpado. Digo, geralmente, é assim. Mas claro que. Esquece.

MARIDO:

PROFESSORA: Quando eu fico nervosa, costumo falar besteira.

MARIDO:

PROFESSORA: Você ainda está aí?

MARIDO: Sim.

PROFESSORA: Espero que tudo dê certo.

MARIDO: Só o Senhor é quem sabe.

ALUNO: Bom dia, senhor.

PROFESSORA: Bom dia.

MARIDO: Espero até quando?

Tempo.

ALUNO: Sexta-feira. Na praça, perto da estação.

PROFESSORA: Certamente em casa.

MARIDO: No restaurante, trabalhando. Ela tinha saído de manhã bem cedo.

ALUNO: Ela era minha professora.

PROFESSORA: Minha aluna.

MARIDO: Era o marido dela.

Tempo.

ALUNO: Senhor?

MARIDO: Desculpe, eu falei dela no presente ou no passado?

ALUNO: Não entendi a pergunta senhor.

MARIDO: Esquece.

ALUNO: Não faço ideia, senhor.

MARIDO: Eu voltei porque a diretora me mandou esta foto.

ALUNO: O senhor mesmo

MARIDO: Eu mesmo tirei esta, mais de perto.

ALUNO: O senhor mesmo diz que escreveram na porta do banheiro feminino.

MARIDO: Dá pra ler melhor.

ALUNO: O que eu tenho a ver com isso?

MARIDO: No caderno, tem alguns poemas com essa mesma frase.

ALUNO: Eu não sei de ameaça nenhuma.

MARIDO: O que eu quero dizer é que ela vinha sendo ameaçada faz tempo.

ALUNO: Nunca reparei.

MARIDO: Porque ela era militante.

ALUNO: Exagero.

MARIDO: Feminista, de esquerda.

ALUNO: Só tinha bom coração.

MARIDO: Ela queria mudar as coisas, com certeza, alguém.

ALUNO: Com boas intenções.

MARIDO: Com certeza, alguém se sentiu incomodado. Sugiro investigar as alunas.

ALUNO: O que eu quero dizer, senhor

MARIDO: Com a presença dos pais, claro.

ALUNO: O que eu quero dizer, senhor, é que, infelizmente, eu não faço a menor ideia do que aconteceu com a professora. Todo mundo na escola gostava dela.

MARIDO: Já combinei com a direção da escola.

ALUNO: Principalmente as alunas.

MARIDO: Pode ficar tranquilo. Todo mundo na escola gostava dela, principalmente as alunas. O problema é fora, o que acontecia com as meninas fora.

ALUNO: Sim, é um bairro perigoso. Mas ela era só uma professora de classe média com culpa de classe. Militante mesmo, dessas que colocam a vida em risco pelo outro, ela não era.

MARIDO: Os assassinatos.

ALUNO: Não sei de nada, senhor.

MARIDO: Ela se preocupava com as alunas.

ALUNO: Pra mim, ela só dava aula de literatura mesmo.

MARIDO: Tinha medo de que acontecesse com elas também.

ALUNO: Posso ir pra casa?

MARIDO: Pra casa?

ALUNO: Hoje não tem aula. A escola tá em greve.

MARIDO: Com todo respeito, senhor.

ALUNO: Não, não é por salário.

MARIDO: Com todo o respeito, senhor, mas ela continua desaparecida.

ALUNO: É pelo desaparecimento da professora mesmo.

MARIDO: Eu não posso simplesmente ir pra casa ficar esperando o telefone tocar.

ALUNO: Os professores tão com medo de dar aula.

MARIDO: Mas se vocês pararem de procurar.

ALUNO: Com licença, senhor.

MARIDO: Se fosse a sua esposa?

ALUNO: Vou aproveitar pra ver meu filho.

MARIDO: Se você fosse a única pessoa que procura por ela?

ALUNO: Vai fazer seis.

MARIDO: Você iria pra casa?

ALUNO: Eu era moleque, senhor.

MARIDO: Iria?

ALUNO: Ela também. A mãe.

MARIDO: Sim, eu já fiz o cadastro.

ALUNO: Posso ir?

MARIDO: Também já doei material genético.

ALUNO: É que ele dorme cedo.

MARIDO: A escova de dente.

ALUNO: Para o senhor também.

MARIDO: Espera.

ALUNO: Pois não, senhor.

MARIDO: E por fora?

ALUNO: Não entendi.

MARIDO: Pagando por fora.

ALUNO: Não, eu não comi a professora.

MARIDO: Quanto?

ALUNO: Posso ir agora?

MARIDO: Vou pensar.

ALUNO: Senhor?

MARIDO: Vocês parcelam?

ALUNO: Era como a gente se despedia.

MARIDO: Ela costumava dizer gotinha de chuva quando ia se despedir.

ALUNO: Como boa noite, se cuida.

MARIDO: Gotinha de chuva para o senhor também.

ALUNO: De um poeta alemão.

MARIDO: Comunista.

ALUNO: Antifascista.

MARIDO: Gotinha de chuva.

ALUNO: Gota de chuva, não gotinha.

MARIDO: No diminutivo mesmo.

ALUNO: Era uma coisa dela.

MARIDO: Minha e dela.

ALUNO: Que eu sinto falta.

MARIDO: Saudade.

ALUNO: Gota de chuva.

MARIDO: Gotinha de chuva, delegado.

Tempo.

PROFESSORA: Aquele que amo

Disse-me

Que precisa de mim

Por isso

Cuido de mim

Olho meu caminho

E receio ser morta

Por uma só gota de chuva

Tempo.

ALUNO: Em outubro, um grupo de crianças localizou o corpo de outra mulher perto da escola. O cadáver tinha unhas pintadas de vermelho, o que fez os primeiros policiais pensarem que era uma puta. Pelas roupas deduziram que era jovem: calça de brim e blusa decotada. Quando finalmente chegou o laudo da perícia (provável morte por arma branca) ninguém mais se lembrava da desconhecida. O corpo foi atirado na vala comum.

MARIDO: Em março, o esqueleto de outra mulher foi encontrado a quatrocentos metros da escola. Segundo funcionários da subprefeitura, os restos do corpo nu portavam brincos dourados, de latão, em formato de elefantinhos. O cadáver apresentava sinais de mutilação no seio direito e no mamilo do peito esquerdo, provavelmente com uma mordida ou à faca – a putrefação do corpo impossibilitava ter uma ideia mais exata. Atribuiu-se oficialmente a causa da morte à ruptura do hioide.

PROFESSORA: Em junho foi encontrado no lixão perto da escola o cadáver de uma mulher de aproximadamente quarenta anos. O corpo apresentava ferimentos perfurantes na região abdominal, abrasão dos pulsos e dos tornozelos e marcas no pescoço, além de ferimento no crânio produzido por objeto contundente, talvez martelo ou pedra. Distrofia na

unha do dedinho da mão direita. Pinta com alta concentração de melanócitos na região do mamilo esquerdo.

Escurece aos poucos.

CORO: escola bairro geladeira corpo camisa caderno certidão de nascimento bilhete chá cigarro café chaves foto marido *post-it* vestido blusa academia saia brecht bolsa porta escova de dente rua professora de corpo ayahuasca sapatos laje câmara de refrigeração cpf calça de brim autotoque sopa de cebola soleira joão fatura do cartão fogão brinco de latão banheiro carteira de vacinação terra aluno miração sujeira rg dinheiro mancebo saco de óbito córrego viela pássaro trem estação *google maps* praça chuveiro televisão restaurante *crème brûlée* ônibus iml caneta catraca metrô cumbuca título de eleitor fundos jardim zíper certidão de óbito correspondência luiza fechadura ponto casa cama sala dos professores gota de chuva chinelo diretora aluna xamã telefone fixo inventário.

Buenos Aires/São Paulo, junho de 2021.